



Peter Waterman

O internacionalismo sindical na era de Seattle¹

Reconhecendo a existência/conectado em rede/informatizado; o diálogo do milénio sobre a esfera do trabalho e a globalizada comunicação

Introdução

É sobejamente reconhecido, tanto no interior do movimento operário como movimento social democrático–radical, e de parte integrante da sociedade civil) vive hoje uma crise profunda. E isso é tanto mais verdade quando ele é entendido como movimento internacional numa época em que a velha ordem capitalista internacional se vva desordem capitalista *global*. A recuperação outra, as seguintes propostas: 1) uma crítica do internacionalismo sindical do período nacional/industrial/colonial (NIC)²; 2) uma reconceptualização do internacionalismo operário; 5) o papel da comunicação

1. Internacionais sindicais e o período nacional/industrial/colonial³

Existiram e existem ainda outros tipos de organizações regionais, como a Organisation of African Trade Union Unity (Organização durante dezenas de anos funcionou como se fosse uma internacional paralela e concorrente, a que n dos Sindicatos Livres, CISL) e a duas outras estruturas que com ela mantpoltico–ideológica da CISL durante a Guerra Fria; e a ITF, International Transportworkers Federation (Federação da indústria. Representando um tipo de internacional anterior *baseado no Estado-nação*. A vitória político–ideológica da CISL na Guerra Fria e o estado de confusão diversa – que reside a resposta mais adequada com vista a um novo internacionalismo *sindical, operário ou geral* na presente era de globalização

A *Confederação* é uma organização *radicais* dos países do Sul. Além disso, reclama para si um número de membros que ascende aos 124 mil⁴. Sendo assim, por que razão federação ou dos respectivos governos o devido reconhecimento, protecção necessário para que possam tornar–se consumidores em massa dos produtos que ele próprios fabricam), o keynesianismo (em que a redistribuição, isto é, como alguém que se define por uma relação labour Organisation (ILO – Organização⁵. A essa natureza tripartida veio juntar–se, durante o período da Guerra Fria, a ideologia do sindicalismo "livre", o que levaria ⁶. A isso acresceu ainda, agora que se assistia ao desmoronamento do colonialismo (de que a CISL foi cúmplice), a ideologia do "desenvolvimento" a caminho de uma utopia social, implicitamente inspirada quer num certo modelo de tipo sueco, quer na cornucópia de riqueza e abundância oferecida pelo modelo californiano. A organização termos de um corpo assente no Estado-nação nacionalismo daqui resultante foi um "internacionalismo nacional",

traduzido na conquista de direitos e de padra do Sul do *Apartheid* e da Polónia comunista).

Por ocasiTrade *Union World* (1999), revista oficial da organizaçste seu meio século de existivos serviços de espionagem. Igualmente posta a nu, e de igual modo problemática, é a dimenss seus principais sindicatos e funcionários. Com efeito, a leitura deste livro deixa–nos com a sensaçtradiçrários e do trabalho destes nas fábricas. Esse sentimento é reforçado pela leitura da Conclussoas nos vossos países que te este reparo e reconhece, ela própria, outras limitaç

muitos trabalhadores em África, no Chile ou noutras regi17)

Mesmo admitindo que assim é, estas palavras sugerem uma entidade que tem mais a ver com o Comité Internacional da Cruz Vermelha do que com uma organizaç sido vontade dos trabalhadores ter uma CISL (ou um qualquer organismo sindical internacional) de tipo diferente, ter–se–iam organizado no sentido de atingir esse objectivo. Tem, pois, talvez todo o cabimento ver a CISL como uma estrutura de cunho defensivo e autolimitativo. Uma estrutura que, além disso, funciona no âmbito e sob a alçada do capitalismo NIC, n

Apesar de ter sofrido um quase completo desmoronamento, e de quase n⁷. Mas essas origens residem também na vaga de empatia popular, operária, democrática, nacionalista e revolucionária que acompanhou essa vitória. Que a dinâmica do movimento se subordinou pela Guerra Fria. Mas a rapidez com que essa fractura se deu deveu–se igualmente a uma guerra fria anterior a essa: uma guerra que opusera os sindicatos sociais–democratas aos comunistas e que remontava aos tempos em que os comunistas fundaram o Profintern, ou Internacional Vermelha de Sindicatos (RILU – IVS), no ano de 1920 (MacShane, 1992). Após a fractura de 1949, a FSM assegurou, para além dos sindicatos controlados pelo Estado pertencentes ao bloco comunista, o domínio dos sindicatos ocidentais com direcçde orientaçriedade, de divulgação (com a excepç⁸. De facto, a principal actividade da FSM parece ter–se resumido

Na altura da invasondenar a invasnselho realizada alguns meses depois. Quando o representante de um sindicato maoista japon o conservadorismo eram postos em causa nas ruas.

A FSM continua, hoje, a existir, e a existir num duplo sentido, qual deles o mais problemático. Em primeiro lugar, existe sob a forma de um número de escritórios modestos e de funcionários modestamente pagos, e de uma série de congressos e de publicações de esquerda, activistas militantes, ou anti–imperialistas, bem como por alguns investigadores de esquerda da nova geraçSM aprendeu alguma coisa com as lutas travadas contra o capitalismo contemporâneo foi a criação *Websites*, no final). Mas esse "sítio" na "Web" é também a prova viva de que a FSM continua a estar fortemente dependente da participaçbém típica do socialismo de Estado – parece querer regressar ao mundo dos Estados–naç

A busca de alternativas *nacional* em tempos de globalizaçrutura em pirâmide que a coloca a uma distância considerável – e multiplamente filtrada – dos verdadeiros operários, gente de carne e osso⁹. A CISL é, ademais, uma instituiç milho Milénio, realizado em Durban, na África do Sul, no ano 2000 (v. *South African Labour Bulletin*, 2000). Reflectindo sobre o evento pouco tempo após a sua realizaç

[E]m períodos de mudança revolucionária, e é num período desses que nos encontramos hoje, temos que ser capazes de pensar e de agir para além da camisa de forças das nossas tradições de novos operários, novas profissões

O Congresso tomou, por isso, a decisão ainda com a participação

Os Secretariados Profissionais Internacionais (SPIs), na vaga de protestos e de acções¹⁰. Durante o período entre as duas Grandes Guerras constituiu uma parte significativa do internacionalismo sindical social-democrata que se opôs criada para resolver "o problema social" que sobreveio rodou (ou abrigou) um dirigente sindical social-democrata de apreciável estatura histórica e de grande relevância para o seu tempo: Edo Fimmen¹¹. A organização apoiou, descobrindo assim os benefícios da colaboração¹². A cooperação mais violenta do sindicalismo comunista e radical-nacionalista na América Latina e em África.

Durante o meio século que se seguiu a 1945, a FITT evoluiu no sentido de se transformar pelo menos num secundário "actor transnacional" no contexto do "sistema internacional" (Reinalda, 1997). Especialmente significativa, neste aspecto, é a prolongada campanha desenvolvida pela FITT relativa aos trabalhadores da marinha mercante subordinados e especialmente receptivos aos interesses dos grandes armadores, e as tripulações específicas. A actividade da FITT no âmbito das BC implica o envolvimento da organização FITT. Graças a essas acções por ela aprovadas acompanham e prestam apoio aos trabalhadores da marinha mercante por todo o mundo. Levanta-se, contudo, a questão exerce qualquer controlo, directo ou sequer indirecto, sobre a entidade que a beneficia.

Historicamente, os trabalhadores portuários filiados na FITT desempenharam um papel importante de solidariedade com estes trabalhadores da marinha mercante claramente provenientes de outros países e outros sectores da indústria. Por outro lado, quando os trabalhadores portuários de Liverpool, também eles filiados na FITT, apelaram travaram contra um *entsúbdito* de um determinado filiado nacional da FITT, o British Transport and General Workers Union, ele próprio relutante em apoiar plena e abertamente a greve. A segunda razical britânica, estando por isso impedida de empreender as acções protesto contra a política da organização

No que respeita

acredita num sistema de transportes racional, cooperativo, e publicamente planeado, objecto de um esforço de coordenação FITT considera que as actuais tendências

Esta política do meio-termo coloca a FITT lado a lado com os burocratas e os tecnocratas mais racionais e de mais largas vistas da cena internacional, ao mesmo tempo que aceita – e que efectivamente assume – os parâmetros do capitalismo. Tal facto, em si mesmo, é consentâneo com uma visão internacionalismo enquanto *relação efectivamente*, a reconhecer os movimentos sociais ora emergentes parece também sugerir uma aliança com organizações encontram devidamente apetrechados para enfrentar os novos tempos. Sápida erosm rapidez crescente muda, hoje em dia, de lugar, de produtos/serviços, de propriedade, e de formas de emprego¹³. Estou convencido que tanto a CISL como a FITT virreformular a um entendimento do internacionalismo operário consentâneo com a desordem capitalista globalizada em que vivemos¹⁴.

2. Como conceber um novo internacionalismo operário

É cada vez mais frequente ouvir-se falar, tanto nos meios académicos como nos sindicais, de uma espécie de "sindicalismo de movimento social" com âmbito internacional ou global (Ashwin, 2000; Bezuidenhout, 1999; Moody, 1997). Ao mesmo tempo, contudo, existe uma estranha relutância em conceptualizar esta tend.

*Um novo sindicalismo social*¹⁵. Entendo que um modelo deste tipo deverá ser um modelo capaz de superar os modelos de sindicalismo "económico", "político", ou "político-económico" actualmente existentes. Para tanto, é necessário que tenha em linha de conta todos os tipos de actividade laboral, que assuma formas socioculturais, e que esteja voltado para a sociedade civil. Um modelo sindical deste tipo deverá, além disso, apresentar, entre outras, as seguintes características:

- Deve centrar a sua luta na área do trabalho assalariado, combatendo na subcontrataç com grupos ambientalistas ou de mulheres) e a maximizar o poder mobilizador das reivindicaç
- Deve bater-se contra os métodos e as relacionamento do tempo livre com vista ao autodesenvolvimento cultural e ltores, as donas-de-casa, os técnicos e as profiss
- Deve manter uma relação de vivência forte e diversificada;
- Deve manter uma relação
- Deve fazer suas as novas causas sociais que forem surgindo na sociedade em geral,
- Deve privilegiar a democracia no local de trabalho e promover as relação
- Deve mostrar-se activo na área da educação *media* dominantes, seja no plano local, nacional ou global;
- Deve abrir-se ao funcionamento reticular intra- e inter-organizacional, dando mostras de compreender a importância que as associaç

Diversos autores, ao longo dos anos, t¹⁶. Isto, em minha opinião *analítico*, tende a identificar como sendo "sindicatos do tipo movimento social" as organizações *popular-laboral*, sobretudo em tempos de movimentação *teórico*, tende a reduzir uma categoria conceptual a analítica, impedindo desse modo que seja aplicada criticamente *estratégico*, tende a tomá-la como característica de uma região

Um novo internacionalismo operário. Preocupado com os problemas do capitalismo GCI (de que as relações *internacionalismo operário* implicará, entre outras coisas, o seguinte:

- Deve passar do plano das relações
- Deve abandonar o modelo de organização
- Deve trocar o "modelo da ajuda" (fluxos unidireccionais de dinheiro e bens provindos de sindicatos, trabalhadores ou outras entidades "ricas, poderosas e livres") pelo "modelo da solidariedade" (fluxos bi- ou multidireccionais de apoio em termos políticos, de informação)
- Deve passar das meras declarações
- Deve procurar que a solidariedade internacional seja praticada em função
- Deve reconhecer que embora a esfera do trabalho n
- Deve ultrapassar a dependência
- Deve trocar os constrangimentos político-financeiros, os conluíus privados e os sil
- Deve reconhecer que nada;

– Deve reconhecer que o desenvolvimento de um novo internacionalismo obriga a ir colher contributos aos movimentos de trabalhadores do Ocidente, do Leste, do Sul e de outras regi

É possível ver elementos deste modo de pensar tanto nas declaraçm pareça achar que o internacionalismo operário (ou mesmo sindical) é quem lidera, ou devia liderar, a nova vaga de lutas contra a globalizaças de carácter democrático e operário/popular – *et al.*, 2000). *Impinternacionalismo* é normalmente associado ao mundo operário do século XIX, ao socialismo e ao marxismo. Podemos, inclusivamente, fazdevemos faza globalizaçtransnacionalismo. Eu prefiro a expresssolidariedade global, por traduzir ninternacionalismooperário, refere um vasto leque de ideias, estratégias e práticas, passadas e presentes, relacionadas com a realidade da esfera do trabalho, e que vdesporto. Quanto ao *internacionalismo sindical*, restringe–se nde parte, por se tornar sinónimos. Contudo, nesta nossa era de capitalismo GCI é precisamente o internacionalismo *sindical* que se encontra mais em crise e que mais é posto em causa.

Na secçentrar–se nas instituiç

3. O Diálogo do Milénio sobre a Esfera do Trabalho a Nível Internacional

"Diálogo do Milénio sobre a Esfera do Trabalho a Nível Internacional" é o nome que dou a algo que existe no plano empírico e que me proponho aprofundar no plano programático. No período 1999–2000 assistimos a um número crescente de diálogos sobre a esfera do trabalho e a globalizaçntre os sindicatos, quer entre os trabalhadores propriamente ditos, quer ainda entre as forças socialistas ou no meio académico. Torna–se evidente que tais diálogos foram estimulados pela circunstância de o final do milénio ter coincido com aquilo a que chamamos "crise da globalizaçesfera do trabalho atravessa mas também a que caracteriza o próprio *projecto da globalizaç* enquanto tal. Entre os congressos que sobre o tema tiveram lugar, é de salientar, antes de mais, essa grande iniciativa internacional que foi a Conference on Organised Labour in the 21st Century (COL21 – Congresso sobre OrganizaçWebsites, no final). Promovido pela CISL e pela OIT nos anos de 1999–2000, foi um congresso electrónico de carácter aberto e bilingue. Por outro lado, tenho conhecimento, sobretudo nesse mesmo período de 1999–2000, de nove ou dez outras realizaç quase sempre periféricas – ou transversais, ou exteriores –

COL21: diálogo de qual milénio? Njá detiveram no panorama das relaçmetros discursivos das "relaçagenda, se se exceptuar o caso do chileno Juan Somavia, Director Geral da OIT). A maioria das comunicaçposiços. Se posteriormente este mesmo sítio ganhou mais vida, foi provavelmente por ter passado a contar com uma responsável mais dinâmica¹⁷. Além disso, alguma indagaç interessados em participar nesta experiprovoçaçuma, é que (e aqui atrevo–me a falar também pelo leitor) necessitamos urgentemente de um sítio de discuss¹⁸

. *Os congressos n* Aos sete congressos a que atrás aludi há que acrescentar um importante precedente, realizado em 1988, e dois outros eventos surgidos já numa fase mais tardia, no final de 2000¹⁹. Estas iniciativas tlém disso, na maior parte dos casos em que as realizaç dos antigos países comunistas.

Já tive oportunidade, noutra local, de comentar um congresso/rede deste tipo (Waterman, 1999a), pelo que de momento me limitarei ao Congresso para um Mundo Aberto em Defesa dos Direitos Democráticos e da Independereiro de

2000 (OWC – *Open World Conference*, 2000b). Foi este, muito provavelmente, o maior de todos os eventos de carácter informal, com 560 participantes provenientes de 56 países, 200 dos quais de fora da América do Norte. Tratou-se de uma iniciativa trotskysta com intervenção da esquerda tradicional. Além disso, foi inteiramente financiada por sindicatos e por organizações tópicos: mulheres trabalhadoras, trabalhadores imigrantes, privatização e o ambiente. Além disso, o congresso debruçou-se atentamente sobre a ONU e a OIT, considerando que tanto uma como outra tou-se, em suma, de uma iniciativa notável e até heróica, reveladora da capacidade de um partido socialista de vanguarda de tipo tradicional para enfrentar a globalização organizacionais traduzidos para outras línguas.

Quero, no entanto, levantar algumas questões *primeiro* é o carácter defensivo de que se revestiu, e desde logo a partir do título. A linguagem utilizada é a linguagem da resistência "recusar". *Segundo* aspecto é o pressuposto de que a classe trabalhadora é a vítima principal do neoliberalismo. A expressão identidade significativos para além dos de trabalhadores pertencentes ao sexo masculino, a sindicatos e ao mundo urbano. Daqui decorre o *terceiro* aspecto, que é o pressuposto segundo o qual o movimento sindical inter/nacional é, ou deverá ser, a força dirigente necessária para proceder o", e mesmo as fusões de Ligações *sexto* aspecto a referir s dito portanto também a respeito da questão *interior* tanto do movimento sindical inter/nacional como do próprio CLI/CMA. E apesar de ter havido uma proposta feita por uma mulher no sentido da criação ideológica a conferir forma e impulso *sétimo* aspecto que pretendo referir – qualquer crítica ao sindicalismo internacional de tipo tradicional propriamente dito²⁰. *Finalmente*, e em conformidade com isto, *significado* do internacionalismo, seja no passado ou no presente, seja ao nível dos sindicatos, da esfera do trabalho, do movimento socialista, ou a nível mais geral. O congresso foi, em resumo, marcado no, o do período NIC.

Atrevo-me a fazer uma generalização de-se como uma crítica, mas deve ser também uma *constatação*. A maioria destes eventos, apesar de frequentemente inovadores, tem nos respectivos organizadores e *participantes* pessoas que ainda parecem sentir-se mais nacionalismo em termos de relação reafirmação operário (o congresso da vanguarda? A rede da vanguarda?). E mesmo quando nos marcam presença em uma ou mais iniciativas das outras. Tudo isto nacionalistas militantes lançam mas se indica) exige ferramentas radicalmente transformadas também.

Tudo isto, a meu ver, simplório na questão *ágora* (uma espécie de praça pública, lugar simultaneamente de encontro e de troca) de que se imp

4. Comunicação

A necessidade de conferir uma forma comunicacional/cultural e electrónica de ONGs. Houve uma participação exactamente o inverso. Os participantes e os observadores internacionais ligados a estruturas sindicais mantiveram-se, por norma, afastados das partes do evento em que na Internet. As acções:

N: a tecnologia comunicacional que torna estas campanhas possíveis e eficazes está a moldar o movimento entre negociados *vuma adaptação*. (23–4. Sublinhado meu. PW)

Contribuindo com cerca de 50% dos participantes, os sindicatos dos EUA tiveram um envolvimento tardio, organizaram actividades reet). Os sindicatos

internacionais estiveram ausentes dos *media* dominantes, embora a sua visibilidade seja pouco maior nos vídeos alternativos feitos sobre o evento (v. Vídeos). Alguns dirigentes sindicais nacionais e internacionais ignoraram ou inclusivamente repudiaram a cautelosa política e a estratégia da AFL-CIO. Alguns dos maiores sindicatos dos EUA, bem como inúmeros sindicalistas, pura e simplesmente romperam as fileiras e juntaram-se ao resto dos manifestantes. Mas enquanto os ecologistas apareceram vestidos de tartarugas, os sindicalistas apareceram vestidos de... sindicalistas. E enquanto os sindicalistas n²¹. Resultado: esses 50% de sindicalistas tiveram direito a 5% de cobertura com imagem nos principais noticiários internacionais (que o mesmo é dizer, dos EUA)! Só se poderia atribuir este facto a um "tendenciosismo dos *media*" se as formas de express

Tirando algumas excepções *media* no contexto do processo de globalização *media* como os seus trabalhadores encerram na luta contra a globalização *porque n E* porque é que – para voltar ao tema dos sindicatos e dos *media* – a esfera do trabalho a nível internacional nobalizada e

Há muito já que é possível detectar, nas atitudes do sindicalismo internacional relativamente erta, por parte de um especialista de informática social-democrata da Escandinávia, de uma base de dados de livre acesso chamada – ironicamente, dadas as circunstâncias – *Unite*²². Hoje em dia a atitude mantém-se, assistindo-se ²³. É com agrado que se assiste ao aumento, na "Web", do número de sítios de estruturas sindicais internacionais a oferecer um acesso cada vez maior *instrumento* (mais rápido, mais barato e de maior alcance), *nciberespaço* (quer dizer, um outro tipo de espaço, com possibilidades ilimitadas no que se refere ao diálogo internacional, *Global Unions* n²⁴. Trata-se, por conseguinte, primordialmente de *órgpropaganda*²⁵, que só ocasionalmente poder

Para encontrar práticas mais adequadas ao novo clima da globalização *International Trade Union Rights* ("Direitos Sindicais Internacionais", que publicou um extenso debate sobre a problemática *questLabourstart*, de Eric Lee; ou ainda as propostas provocatórias de novos princípios de organização produz trabalhadores e, mais do que isso, trabalhadores carecidos de sindicatos de um outro tipo:

A exemplo do que sucede nas outras indústrias, os trabalhadores da economia digital emergente necessitam de defender os seus interesses comuns. A maioria das organizações criadas para dar luta aos patrias novas formas de sindicalismo, capazes de representar os interesses do trabalhadores do sector digital. Para além da reforma das organizações da Net. Um sindicato virtual assim constituído, a funcionar no interior da economia digital, deveria ainda pôr uma grande

Para uma compreensão

As redes – redes de mulheres, ambientalistas, étnicas, e de outros movimentos sociais – ss se baseiam (incluindo a consciaticado nos espaços físicos em que o utente da Net utiliza este meio e faz a sua vida. (Escobar, 1999: 32)

Conclus

Aventei atrás a ideia de que o problema fundamental do internacionalismo sindical no contexto do capitalismo GCI se prende com as formas e as práticas, sendo que as formas e as práticas do sindicato quer dizer que a crítica da burocracia, da estrutura hierárquica e da ideologia sindical (proverbial fonte de queixas por parte da esquerda tradicional) é um tanto descabida, para no, quer dizer, um meio que sirva simultaneamente de auto-organizaç estrutura burocrático-hierárquica, a qual n

Como transparece das duas últimas citaç *conectividade reticular*. N ser verdade que a passagem do capitalismo NIC para o capitalismo GCI é também a passagem de um capitalismo organizado para um capitalismo reticular (Castells, 1996–8). É das redes e da conectividade reticular internacionais ligadas ao mundo do trabalho que hoje em dia tendem a surgir as novas iniciativas, traduzidas em factores como a velocidade, a criatividade e a flexibilidade. Quando os sindicatos, ou as forças socialistas, condenam ou simplesmente criticam as ONGs por falta de "democracia" ou de "representatividade", mostram com isso que n práticas dos movimentos sociais democrático-radicalis. Estes tssencial a capacitaç *son et lumi*, de valores. Quando falamos de uma conectividade reticular, ou de redes – ou de ONGs – democrático-radicalis, há que ter em mente que estas representam uma grande fonte de renovaçernacionalista mas que n dos sindicatos e dos problemas laborais.

"Conectividade reticular" é uma express *comunicaç* do que com instituiç *global*". A ideia encontra express *Voices 21* (1999), produto de uma rede internacional de especialistas com uma prática democrática – universitários, activistas, etc. – ligados *media*, o direito a comunicar, a diversidade de express *municacã media* ou a censura estatal. Mas a esfera do trabalho tem uma história cultural longa e rica, e foi capaz, no passado, ninvisível na cena mediática internacional, a qual n

O debate é a continuaç coisa qualquer. Quanto ao *diálogo*, implica uma dialéctica, um processo através do qual as posiç *bates* e conversas a decorrer neste momento; é bom que uns e outras assumam forma dialógica, tanto dentro como fora do movimento operário internacional (Waterman, 2001a).

Uma nota pessoal: Tendo vindo da tradiç *outra concha*, já se vuest *conversa* pública com Bill Jordan, Secretário-Geral da CISL (Waterman, 2000), é já um pequeno sinal de que os tempos podem estar a mudar. Existem outros indícios de que, quando confrontadas com críticas públicas, as instituiç *modo* defensivo/agressivo. Ao longo dos últimos anos tenho-me visto envolvido de forma crescente em situaç *ob Lambert*, embora o presente artigo talvez nvido de tens *démicos* estas conversas em privado podem ser consideradas um sinal n *podere* destinadas a fomentar o diálogo aberto. Gostaria que, n.

A vantagem da "Web" para abordar as quest *ornar mais fácil* o diálogo internacional e internacionalista. Com efeito, a própria *lógica* do computador é uma lógica de retorno, de "feedback". A utilizaç *net* – ela própria também, por vocaç *subversoras* das instituiç

Todas as relaç

Ninforma, que nras de Enzensberger (1976), "to, vamos construindo uma estrada que nos conduza para lá do capitalismo²⁶.

Lista das Siglas Principais

AFL–CIO, American Federation of Labour–Congress of Industrial Organisations
 BC, bandeiras de conveni
 CISL, Confederaç
 CLI, Comité de Ligaç
 CMA, Congresso para um Mundo Aberto
 CMT, Confederaç
 FITT, Federaç
 FSM, Federaç
 GCI, globalizado/conectado em rede/informatizado
 NIC, nacional/industrial/colonial
 OIT, Organizaç
 ONGs, organizaç
 SPIs, Secretariados Profissionais Internacionais
 TIC, tecnologias da informaç

Refer

- Ashwin, Sarah. 2000. 'International 'Labour Solidarity After the Cold War', in Robin Cohen and Shirin Rai (orgs.), *Global Social Movements*. London: Athlone. Pp. 101–116.
- Barbrook, Richard. 1999. 'Frequently Asked Questions: Digital Work – Digital Workers and Artisans: Get Organised!' Disponível em: www.labournet.org/1999/March/digiwork.html
- Bezuidenhout, Andries. 1999. 'Towards Global Social Movement Unionism? Trade Union Responses to Globalisation in South Africa'. Geneva: International Labour Organisation/International Institute for Labour Studies. 37 pp. Disponível em: www.ilo.org/public/english/bureauc/inst/papers/2000/dp115/.htm
- Brecher, Jeremy, Tim Costello and Brendan Smith. 2000. *Globalisation from Below: The Power of Solidarity*.
- Carew, Tony. 2000. 'A False Dawn: The World Federation of Trade Unions', Marcel v.d. Linden (org). *The International Confederation of Free Trade Unions*. Bern: Peter Lang. Pp. 165–86.
- Castells, Manuel. 1996–8. *The Information Age: Economy, Society and Culture*. 3 Vols. Oxford: Blackwells.
- China Labour Bulletin. 2000. 'ICFTU Delegation to China', CLB #35. Disponível em: www.china-labour.org.hk/2005e/feature_icftu.htm
- Couper, A.D. 1999?? *Voyages of Abuse: Seafarers, Human Rights and International Shipping*. London: Pluto. 224 pp.
- Enzensberger, Hans Magnus. 1976. 'Constituents of a Theory of the Media', in *Raids and Reconstructions: Essays in Politics, Crime and Culture*. London: Pluto. Pp. 20–53.
- Escobar, Arturo. 1999. 'Gender, Place and Networks: A Political Ecology of Cyberculture', in Wendy Harcourt (ed.), *Women@Internet: Creating New Cultures in Cyberspace*. Pp. 31–55.
- Fimmen, Edo. 1924. *Labour's Alternative: The United States of Europe of Europe Limited*. London. 117 pp.
- Gallin, Dan. 1999a. 'Organised Labour as a Global Social Force', paper to a Workshop on International Relations plus Industrial Relations, Conference of the International Studies Association, Washington, February 20. Global Labour Institute, Geneva. Email: gli@iprolink.ch.
- Gallin, Dan. Forthcoming 'Propositions on Trade Unions and the Informal Sector in Times of Globalisation', draft contribution to Peter Waterman and Jane Wills (org), *Place, Space and the New Labour Internationalisms*. Oxford: Blackwells

- Gallin, Dan. 1999. 'Trade Unions and NGOs in Social Development: A Necessary Partnership', Paper for the United Nations Research Institute for Social Development, Geneva. 38 pp. gli@iprolink.ch.
- Graham, Ian. 1982a. 'Computers of the World UNITE?', *Free Labour World*, No. 1, pp. 2–3.
- Graham, Ian. 1982b. 'Programmed Solidarity? First Studies on a Union Computer Network', *Free Labour World*, No. 6, pp. 32–3.
- Gumbrell–McCormick, Rebecca. 2000. 'Facing New Challenges: The International Confederation of Free Trade Unions (1972–1990s)', in Marcel v.d. Linden (ed). *The International Confederation of Free Trade Unions*. Bern: Peter Lang. Pp. 341–518.
- Herod, Andrew (ed). 1998a. *Organising the Landscape: Geographic Perspectives on Labour Unionism*. Minneapolis: University of Minnesota. 372 pp.
- Herod, Andrew. 1998b. 'The Geostrategies of Labour in Post–Cold War Eastern Europe: An Examination of the Activities of the International Metalworkers' Federation', in *Organising the Landscape: Geographic Perspectives on Labour Unionism*. Minneapolis: University of Minnesota. Pp. 45–74.
- Hyman, Richard. 1999. 'An Emerging Agenda for Trade Unions'. Disponible em: www.ilo.org/public/english/bureau/inst/project/network/index.htm
- Hyman, Richard. 1999. 'National Industrial Relations Systems and Transnational Challenges', *European Journal of Industrial Relations*. Vol. 5, No. 1, pp. 89–110.
- ICFTUa. 2000. 'ICFTU Online... Global Compact an Opportunity for Global Dialogue. 31/07/00'. Disponible em: www.icftu.org.htm
- ICFTU. 2000b. 'The Global Compact: For a Socially Responsible Business World', *Trade Union World*. No. 9, p. 22.
- International Transportworkers Federation. 199??. *Solidarity – ITF Centenary Book*. London: Pluto. 160 pp.
- Jakobsen, Kjeld Aagard. Forthcoming. 'Rethinking the International Trade Union Movement', in Peter Waterman and Jane Wills (org), *Place, Space and the New Labour Internationalisms*. Oxford: Blackwells.
- Jordan, Bill. 2000. 'Remarks of Bill Jordan, ICFTU General Secretary, at the Reception of the International Conference "The Past and Future of International Trade Unionism". Gent, 18 May 2000'.
- Klein, Naomi. 2000. 'Does Protest Need a Vision?', *New Statesman* (UK), July 3, pp. 23–5.
- Lambert, Rob and Eddie Webster. 1988. 'The Re–emergence of Political Unionism in Contemporary South Africa?', in William Cobbett and Robin Cohen (ed), *Popular Struggles in South Africa*. London: James Currey: pp. 20–41.
- Lambert, Rob. Forthcoming. 'Southern Unionism and the New Internationalism', draft contribution to Peter Waterman and Jane Wills (org.), *Place, Space and the New Labour Internationalisms*. Oxford: Blackwells.
- Lee, Eric. 2000. *The Internet Belongs To Everyone: A Radical View Of The Governance Of Cyberspace*. Disponible em: www.labourstart.org/icann/ericleebook.shtml.htm
- Levitas, Ruth. 2000. 'Discourses of Risk and Utopia', in Barbara Adam, Ulrich Beck and Joost van Loon (org.), *The Risk Society and Beyond: Critical Issues for Social Theory*. London: Sage. Pp. 199–210.
- Linden, Marcel v.d. (ed). *The International Confederation of Free Trade Unions*. Bern: Peter Lang. 624 pp.
- MacShane, Dennis. 1992. *International Labour and the Origins of the Cold War*. Oxford: Clarendon. 324 pp.
- Marthoz, Jean–Paul. 2000. 'The Media and Globalisation', *Trade Union World*,

No. 7–8, p. 30.

Marx, Karl and Frederick Engels. 1935. 'The Manifesto of the Communist Party', in *Karl Marx: Selected Works*. Vol. 1. Moscow: Cooperative Publishing Society of Foreign Workers in the USSR. Pp. 204–41.

Moody, Kim. 1997. *Workers in a Lean World: Unions in the International Economy*. London: Verso. 342 pp.

Munck, Ronaldo. 1988. *The New International Labour Studies: An Introduction*. London: Zed. 233 pp.

Munck, Ronaldo. 2000. 'Labour in the Global: Challenges and Prospects', in Robin Cohen and Shirin Rai (eds), *Global Social Movements* London: Athlone. Pp. 83–100.

National Minority Movement. n.d. *Strike Strategy and Tactics. The Lessons of the Industrial Struggles*. Thesis Adopted by the Strassburg Conference Held under the Auspices of the Red International of Labour Unions. [With foreword by P. Gladding]. 29 pp. Open World Conference. 2000a. Disponível em: www.geocities.com/owc2000.htm .

Open World Conference. 2000b. 'Open World Conference in Defence of Trade Union Independence and Democratic Rights', *OWC Report Back Bulletin*, No. 1. San Francisco: Open World Conference. 64pp.

Reinalda, Bob (ed). 1997. *The International Transportworkers Federation 1914–1945: The Edo Fimmen Era*. Amsterdam: International Institute of Social History. 301 pp.

Sandri, Roger. 1999. 'Confronting Neo–Totalitarianism: Globalisation and the Struggle for Trade Union Independence', Contribution for the Open World Conference of Workers in Defence of Trade Union Independence and Democratic Rights, San Francisco, February 2000. 90 pp. Disponível em: www.geocities.com/owc_2000

Scipes, Kim. 1996. *KMU: Building Genuine Trade Unionism in the Philippines, 1980–1994*. Quezon City: New Day. 315 pp.

Seidman, Gay. 1994. *Manufacturing Militance: Workers' Movements in Brazil and South Africa, 1970–1985*. Berkeley: California University Press. 361 pp.

South African Labour Bulletin. 2000. 'Com.Com: A Series of Irreverent Postcards. Our Inside Reporter Sends a Series of Postcards from Durban at the Time of the ICFTU Congress', *South African Labour Bulletin*, Vol. 24, No. 3, 2000. Pp. 112–16.

Trade Union World. 1999. 'Special 50th Anniversary Edition: How the ICFTU Has Influenced Global Developments Year After Year', *Trade Union World*. No. 7, pp. 5–70.

Voices 21. 1999. 'A Global Movement for People's Voices in Media and Communications in the 21st Century'. Disponível em: www.comunica.org/v217statement.htm

Waterman 2000. 'From an International Union Congress to an International Labour Dialogue: An Exchange between Peter Waterman, Global Solidarity Dialogue/Dialogo Solidaridad Global, and Bill Jordan, General Secretary of the International Confederation of Free Trade Unions', Disponível em: www.antenna.nl/~waterman/.htm

Waterman, Peter and Jane Wills. Forthcoming. *Place, Space and the New Labour Internationalisms*. Oxford: Blackwells.

Waterman, Peter. 1998. 'The Second Coming of Proletarian Internationalism? A Review of Recent Resources', *European Journal of Industrial Relations*. Vol. 4, No. 3, pp. 349–7.

Waterman, Peter. 1998. *Globalisation, Social Movements and the New Internationalisms*. London: Mansell. 302 pp.

Waterman, Peter. 1999. 'International Labour's Y2K Problem: A Debate, a Discussion and a Dialogue (A Contribution to the ILO/ICFTU Conference on Organised Labour in the 21st Century)'. *Working Paper Series*, No. 306. The

Hague: Institute of Social Studies. 64 pp.

Waterman, Peter. Forthcoming a. 'Capitalist Trade Privileges and Social Labour Rights in the Light of a Global Solidarity Unionism'. 16 pp.

Waterman, Peter. Forthcoming b. *Globalisation, Social Movements and the New Internationalisms*. (Paperback) London: Continuum.

Séries

International Union Rights. International Centre for Trade Union Rights.

UCATT House, 177 Abbeville Rd, London SW4 9RL, UK. Email:

ictur@gn.apc.org.

Labour Notes. Labour Education and Research Project. 7435 Michigan Ave,

Detroit MI 48210, USA. Email: labornotes@labornotes.org, Website:

www.labornotes.org.htm

Metal World. International Metalworkers Federation. POB 1516, 54 bis, route des Acacias, CH-1227 Geneva, Switzerland. Email:

Sjutterstrom@imfmetal.org.

Videos:

Labour Battles the WTO in Seattle '99 – Workers of the World Unite. 38 min.

VHS, NTSC. Labour Video Project, POB 425584, San Francisco, CA 94142,

USA. Email: lvpsf@labornet.org.

Open World Conference in Defence of Trade Union Independence and Democratic Rights, San Francisco, February 11–14, 2000: Selected Speech Excerpts. VHS, NTSC. 60 min. OWC, c/o San Francisco Labour Council,

1188 Franklin St, Rm. 203, San Francisco, CA 94109. Email: owc@igc.org.

Showdown in Seattle: Five Days That Shook the WTO. VHS, NTSC. 150 min.

Independent Media Project/Deep Dish Television, 339 Lafayette Street, New York, NY 10012. Email: www.papertiger.org

Websites:

Conference on Organised Labour in the 21st Century.

<http://www.ilo.org/public/english/bureau/inst/project/network/index.htm>

Global Labour Directory of Directories. www.labourstart.org/gldod.shtml.htm

Global Solidarity Dialogue/Dialogo Solidaridad Global.

www.antenna.nl/~waterman/.htm

Global Compact: Human Rights, Labour, Environment.

www.unglobalcompact.org/

Global Unions. www.global-unions.org/.htm

International Confederation of Free Trade Unions. www.icftu.org.htm

Labor-List. LAB-L@YORK-U.CA.htm

¹ O presente texto é uma versso, tem por base um conjunto de diversos outros artigos, recens. Os meus agradecimentos a Kim Scipes, a Bruce Nissen e, em especial, a Dan Gallin e Jane Wills, pelos seus comentários a versir a responder

² Ver lista das siglas principais no final do texto (nota do tradutor).

³ A análise que se segue deve ser cotejada com a que é feita por Dan Gallin (1999a), que na qualidade de antigo Secretário da International Union of Food and Allied Workers (IUF – Sindicato Internacional dos Trabalhadores da Alimentação através das suas reflex

⁴ A principal fonte para conhecer a história da CISL é van der Linden (2000). Sarah Ashwin (2000) prop de um "sindicalismo de movimento social" (113), noç

⁵ A palavra "tripartido" sugere uma tarte partida em tr

⁶ Há alguns anos a CISL mudou o título da sua revista oficial de *Free Labour World* para *Trade Union World*, parecendo dar assim mostras de reconhecer as ambiguidades e limitaç

- 7 Que eu saiba, a história da FSM ainda não em Praga, entre 1966 e 1969. A partir de ent
- 8 Com efeito, a última vez que o sindicalismo comunista internacional levou a cabo um esforço do género parece ter sido durante o período da "Classe contra Classe" do Comintern, no final da década de 20 (National Minority Movement, s.d.).
- 9 Kjeld Aagard Jakobsen (2001), Secretário para as Relações
- 10 Baseio-me aqui numa história colectiva da FITT, constante de um estudo da responsabilidade de Bob Reinalda (1997). V. ainda, no entanto, International Transportworkers Federation, 1996, e Couper, 1999. Para uma vis
- 11 Deve-se a Fimmen um livro surgido nos anos 20 em que (algo prematuramente) se sustentava que o capitalismo europeu tinha tendPIs (Fimmen, 1924)!
- 12 Na sua correspondência essa cooperação conferiu aos sindicalistas com responsabilidades também internacionais um sentimento de que estavam a desempenhar um papel com uma importância histórica a uma escala mundial, mas sem a necessidade de participa
- 13 Destes, o projecto mais ambicioso é talvez aquele que ostenta também a designação só parece convencida de poder fazer frente im, já possível fazer uma visita virtual ao Banco Mundial sem sair da sede virtual do sindicato.
- 14 Há poucos indícios de que este novo entendimento esteja para breve. A CISL está actualmente identificada com o "Pacto Global" da ONU, uma tentativa das Nações do mundo do trabalho, Kofi Annan, presidente da ONU, "pediu" nhar as boas graças dessa grande potia social" ou "padr
- 15 Deixo o conceito de "sindicalismo de movimento social", a que inicialmente fiz refer
- 16 Ao afirmá-lo tenho em mente, antes de mais, os textos de Lambert e Webster (1988) sobre a África do Sul do apartheid, Munck (1988: 117) sobre o Terceiro Mundo em geral, Seidman (1994: 2-3) sobre a África do Sul e o Brasil, e Scipes (1996: viii-ix) sobre as Filipinas. Munck (2000: 93-4) precisou um pouco mais a sua formulação do trabalho e democrático, ainda capaz de assumir o papel de direcção (v. abaixo) veio mostrar como, sob o capitalismo GCI, uma rede de movimentos sociais está em condições de revelar-se um gesto empiricamente errado e prescritivamente contraproducente.
- 17 Apesar das diversas tentativas que fiz para fazer chegar ao COL21 mensagens de diferentes tipos e de extens
- 18 Uma possível excepção ou n
- 19 Segue-se a lista destas iniciativas, de que se fornecem as respectivas fontes, quando disponíveis, no final do presente artigo: – Um evento "pré-milénio", patrocinado em 1998 pelo Sindicato Geral dos Trabalhadores Dinamarqueses por ocasião, em Setembro de 1999, sob o patrocínio de sindicatos e com o título Encontro Mundial Contra a Globalizaçãogresso internacional sobre a esfera do trabalho e os media electrónicos na era da globalizaçãobalização que entre os seus principais tópicos contou com o tema "Um Novo Internacionalismo?"; – Um seminário sobre O Actual Panorama das Estruturas Sindicais Internacionais: Novos Desafios e Estratégias Sindicais em Face da Globalização estrangeiros/internacionais. Apesar de dirigido a um público nacional, este seminário partilhou das preocupaçõesley College, na regitruir um Novo Sindicalismo Global através dos Media, Universidade de Wisconsin, Madison, EUA, 1 a 3 de Dezembro de 2000. O último de uma série de eventos deste tipo com alcance internacional e um índice de participa
- 20 As críticas ao sindicalismo internacional que se fizeram ouvir dirigiram-se entido pouco
- 21 Deixarei aos observadores americanos a tarefa de explicar as origens históricas exactas e o significado cultural daquilo que para mim constituiu um ritual estranho e até exótico.
- 22 A proposta em causa foi mesmo promovida publicamente no interior da CISL por Ian Graham (1982a, b), entzada para o papel das comunica
- 23 Foi essa a conclusão aparelho (sendo a outra parte a comissão da CISL, nem sequer de consultas junto do público interessado. Tecnocrático por acreditar que existe um remédio de natureza técnica para os problemas dos direitos democráticos relacionados com o mundo do trabalho. E territorialista porque a ideia era que fosse a CISL e os respectivos sindicatos membros ou aliados a decidir quais os sindicatos que s nível do ciberespeço e de achar na "Net" materiais com relevância para as questões interesse pelas quest
- 24 Nem mesmo a melhor de todas as novas revistas sindicais impressas e de âmbito internacional, a *Metal World*, da International Metalworkers Federation (IMF – Federação Labor Notes, publica
- 25 Veja-se a definição *Shorter Oxford English Dictionary*: "disseminar, difundir (uma declara
- 26 Se esta afirmação (o processo) rânea – terá como consequente aqueles cujo "rendimento é ganho pelo trabalho que realizam e os que o ganham [sic] por meio de investimentos" (208-9; "sic" da autora citada – PW). E Levitas sugere ainda que uma base significativa para um diálogo transformador exige que se proceda a uma análise crítica do capitalismo,

apostada n

Published 2002-10-04

Original in English

Translation by Maria Teresa Tavares

Contribution by Revista Crítica de Ciências Sociais

© Peter Waterman

© eurozine